



1700º ANO DO CONCÍLIO DE NICÉIA E 60º ANO DO ENCERRAMENTO DO CONCÍLIO VATICANO II DOSSIÊ Nº 2

doi: [10.25247/paralellus.2025.v16n39.p233-238](https://doi.org/10.25247/paralellus.2025.v16n39.p233-238)

DEZESSEIS SÉCULOS DE DIÁLOGO: DE NICÉIA AO VATICANO II, RUMO A UMA IGREJA SINODAL

Prof. Dr. Riccardo Burigana*

Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques**

No ano de 2025, um período que, por sua riqueza de aniversários, adquire um significado quase epocal, encontramo-nos diante da comemoração de dois eventos que, embora separados por dezesseis séculos, dialogam de maneira surpreendente e profunda: os *1700 anos da celebração do Concílio de Niceia* e o *60º aniversário do encerramento do Concílio Vaticano II*. Não se trata de meras datas no calendário, mas de marcos que moldaram de forma irreversível a identidade, a teologia e a missão da Igreja. Esses dois eventos, de fato, constituem verdadeiros pilares na história do cristianismo, convidando-nos hoje a uma reflexão não apenas histórica, mas eminentemente teológica, ecumênica e espiritual sobre o nosso passado e sobre o caminho a ser percorrido.

Nessa encruzilhada temporal tão significativa, o Dossiê Nº 2 do v. 16, n. 39 da revista *Paralellus*, que tivemos a honra de coordenar, propõe-se como um instrumento para decifrar a atual fecundidade desses Concílios — o primeiro e o último, por enquanto,

* Dottore in Storia (1991) presso l'Università della Repubblica di San Marino (1991). Professore visitatore permanente presso il Programma post-laurea in Scienze religiose dell'Università Cattolica di Pernambuco dal 2007. Professore invitato presso la Pontificia Facoltà Teologica dell'Italia Meridionale FTIM, Sezione San Tommaso, Napoli, dal 2022 e presso la Facoltà Teologica dell'Italia Centrale, Firenze, dal 2016. Presidente dell'Associazione Italiana dei Docenti di Ecumenismo. Indirizzi e-mail: direttore@centroecumenismo.it e presidente@aidecu.it.

** Doutor em História Religiosa (1998), pela Universidade de Bologna, Itália. Professor do PPGCR da UNICAP. E-mail: luiz.marques@unicap.br.



da série de concílios ecumênicos reconhecidos pela Igreja Católica. Niceia, em 325, foi um momento fundacional para a Igreja universal. Em uma época de profundas turbulências doutrinárias, o Concílio pronunciou-se sobre a divindade de Cristo, dando forma a um Credo que ainda hoje une a quase totalidade dos cristãos, também graças à reflexão ecumênica que acompanhou sua releitura ao longo do século XX. Sua inestimável herança teológica, suas decisões cruciais e sua complexa, e por vezes controversa, recepção ao longo dos séculos, fazem dele uma fonte inesgotável para compreender as raízes mesmas da nossa fé. Não se trata, portanto, de um exercício nostálgico de memória histórica, mas de uma redescoberta viva de categorias e tensões que, embora geradas em contextos específicos, continuam a interpelar com urgência o nosso presente.

Esta edição de *Paralellus* não é uma iniciativa isolada, mas o fruto maduro de um vasto projeto internacional de pesquisa histórico-teológica intitulado “Sempre Niceia: Presente, Memórias Ecumênicas e História do Concílio de Niceia (2023-2025)”. Tal projeto insere-se em uma visão mais ampla e em um constante impulso dado pelo Papa Francisco (2013-2025) à proposição e ao desenvolvimento de importantes iniciativas de diálogo e redescoberta histórica. Tais iniciativas já foram experimentadas com o projeto “A herança da Reforma: Ler e reler a Reforma, 500 anos após seu início” (2016-2018), com seus dois Colóquios, um em Florença e outro no Recife; com o projeto “FLORENÇA: Um concílio de hoje. A memória, a recepção, o presente do concílio de Florença (1439-2019)” (2019); e agora com o “Sempre Niceia” (de 2023 até hoje). Este último é um projeto ambicioso que envolveu mais de sessenta pesquisadores de treze países, os quais compartilharam suas pesquisas para explorar a fecundidade e a atualidade do Concílio Niceno a partir de perspectivas multidisciplinares e pluriconfessionais. O objetivo último era e é promover um conhecimento aprofundado de Niceia e de sua recepção, por meio de uma análise crítica das fontes, das interpretações que se sucederam nos séculos e de sua presença nos documentos das diversas Igrejas e do diálogo ecumônico dos últimos 60 anos.

Como oportunamente lembrou Mons. Donato Oliverio, bispo da Eparquia de Lungro, na abertura do congresso napolitano, realizado em 2 e 3 de dezembro de 2025 e parte integrante deste projeto, a necessidade de “recolocar Cristo no centro de todo o nosso

pensar e agir” e de “buscar a unidade e colaborar, juntos, para a construção da unidade em nome de Cristo, luz dos povos” é urgentíssima no panorama mundial atual. O projeto “Sempre Niceia” explorou justamente essa urgência, e alguns de seus resultados mais significativos são apresentados neste volume, oferecendo ao leitor um panorama das pesquisas em curso e das novas trilhas interpretativas.

O entrelaçamento entre a memória de Niceia e a herança do Vaticano II revela-se extremamente fecundo para a Igreja do nosso tempo. O Vaticano II, em seu sexagésimo aniversário, continua a ser um farol que convida a uma profunda “conversão do coração a Cristo” e a uma “escolha irreversível de construir a unidade plena e visível” entre os cristãos. Ambos os Concílios, ainda que com metodologias, linguagens e sensibilidades diversas, colocaram no centro questões fundamentais como a identidade de Cristo, a natureza da Igreja e o imperativo da unidade, elementos irrenunciáveis para um testemunho cristão autêntico e incisivo no mundo fragmentado e secularizado do século XXI.

A diversidade de vozes reunidas neste número de *Paralellus* testemunha a vasta abrangência e a profundidade dessa reflexão.

Inicia-se com a reflexão de **Carmine Napolitano**, “Creio no Espírito Santo. Uma interpretação pentecostal do Concílio de Niceia e seus efeitos”, a qual evidencia como o Concílio de Niceia, ao mesmo tempo em que definia a natureza de Cristo contra o arianismo, revelou uma lacuna pneumatológica no Credo, uma deficiência teológica que persiste, manifestando-se paradoxalmente no movimento pentecostal moderno com componentes antitrinitários.

Segue o contributo de **Pablo Blanco-Sarto**, “Um anglicano visita Niceia. John Henry Newman e a crise ariana do século IV”, que explora como as pesquisas de Newman sobre o arianismo do século IV fundamentaram seu desenvolvimento espiritual e teológico. O clérigo anglicano compreendeu que essa corrente era motivada pelo racionalismo e pela política eclesial e, para ele, para compreender Jesus Cristo, eram necessárias contemplação e verdadeira fé enraizadas na Escritura, na oração e na liturgia. Sua obra *Os Arianos do século IV* oferece uma análise aprofundada do arianismo, que permite conhecer melhor o Concílio de Niceia, sublinhando também o papel dos leigos na recepção da verdadeira fé cristológica.

Alexander Buzalic, em “Mudanças antropológicas no mundo contemporâneo e o impacto na evolução da Igreja de amanhã”, analisa as mudanças antropológicas contemporâneas e seu impacto na Igreja futura. O autor nota como Niceia marca a transição da Igreja proibida para a institucional e como o modelo de unidade na diversidade e sinodalidade permanece válido na história, evidenciando que a coevolução homem-natureza-tecnologia digital exige uma adaptação eclesial para manter a catolicidade e a missão ecumênica.

Em seguida, **José Joaquim Pereira Melo e Marcos Roberto Piratelli**, com “Apostólicos e apologéticos. Uma reflexão sobre o movimento de construção do corpo doutrinal e formativo da Igreja católica”, analisam as propostas formativas para o homem cristão nos escritos dos Padres Apostólicos e Apologéticos (séculos I-IV), estudando como suas reflexões revelam o desenvolvimento da identidade católica da Igreja e a sistematização doutrinal que orientou os pensadores posteriores, lembrando-nos como a defesa da fé e a fidelidade à tradição apostólica foram imperativos constantes na vida da Igreja.

José Aguiar Nobre, Fábio Fernandes dos Santos Silva e Rodrigo Costa Silva, em “Celebrações conciliares: 1700 anos de Niceia e 60 do Vaticano II, a sinodalidade como identidade da Igreja”, refletem sobre a importância dos 1700 anos do Concílio de Niceia (325) e dos 60 anos do Vaticano II (1962-1965), oferecendo um panorama das modalidades e das sensibilidades com que a Igreja contemporânea aborda essa importante recorrência, evidenciando que a recepção conciliar requer um processo contínuo de reflexão e aperfeiçoamento para a atual Igreja sinodal.

O contributo de **Gerson Francisco de Arruda Júnior**, “A influência (in)direta da pneumatologia do Concílio de Niceia no ‘comentário’ de Teodoro de Mopsuéstia”, analisa a influência da pneumatologia do Concílio de Niceia no pensamento de Teodoro de Mopsuéstia, examinando suas argumentações sobre a natureza divina do Espírito Santo no Comentário ao Credo Niceno e demonstrando o alinhamento com os Padres Nicenos, incluindo o contexto das obras e considerações finais sobre sua pneumatologia.

Donizete José Xavier, André L. Boccato de Almeida e Boris Agostin Nef Ulloa, com “O *homoousios* e a *eusebia* trinitária. Releitura teológica e existencial do legado

de Niceia”, revisitam a relevância teológica da fé nicena por ocasião da celebração dos 1700 anos de Nicéia (325-2025). Sua abordagem integrada combina análise dogmática do *homoousios*, leitura bíblica e reflexão ético-moral, evidenciando que a fé trinitária constitui uma matriz existencial, eclesial e pastoral para a comunhão e a missão da Igreja.

Waldecir Gonzaga e Anderson Moura Amorim, em “A gênese da definição de Maria *Theotókos* no horizonte de Nicéia”, analisam o título *Theotókos* no contexto cristológico e do Concílio de Nicéia (325), demonstrando as raízes patrísticas anteriores a Éfeso (431). Mostram como, embora Nicéia não tratasse de mariologia, *Theotókos* sintetiza a divindade do Filho, evidenciando a evolução de um termo devocional para um critério de ortodoxia cristológica.

Finalmente, **Sérgio Sezino Doetz Vasconcelos e Lucileide Cavalcante Silva** em “O Concilio de Nicéia: a sinodalidade como o caminho para o diálogo entre as Igrejas cristãs”, analisam como o Papa Francisco reafirma a sinodalidade como essência da Igreja. Os autores estabelecem uma conexão entre este conceito e o **Concílio de Niceia (325)**, momento histórico em que as Igrejas Cristãs elaboraram o Credo em comunhão (*koinonia*). O estudo demonstra que a sinodalidade emerge como **lugar teológico fundamental** para o diálogo ecumônico, construindo unidade através da diversidade cristã.

A variedade dessas perspectivas, juntamente com outras presentes no volume, demonstra o vasto alcance da influência nicena e sua capacidade de gerar ainda hoje novas pesquisas e questionamentos.

Em uma época marcada por profundas divisões, não apenas religiosas, mas também socioculturais e geopolíticas, e por contínuos desafios que vão da crise ecológica às tensões sociais geradas pela velocidade do digital, a releitura crítica e consciente das fontes históricas e teológicas de Nicéia e do Vaticano II não é um exercício de mera erudição acadêmica. É, antes, um convite premente a apreender sua “fecundidade e atualidade” para a Igreja do século XXI. Esses eventos nos recordam a responsabilidade de promover um conhecimento profundo e contextualizado do cristianismo, contribuindo concretamente para a reconciliação das memórias, que,

como temos frequentemente sublinhado, é o primeiro passo para remover a violência e construir a paz.

A busca por um patrimônio comum, enraizado na partilha cotidiana daquilo que já une os cristãos, emerge como o caminho principal para um testemunho mais eficaz e significativo em um mundo que, embora dividido e fragmentado, necessita, como nunca antes, de valores partilhados e de gestos concretos de comunhão. Estamos convictos de que este número de *Paralellus*, através dos contributos dos numerosos pesquisadores, possa oferecer um precioso instrumento para alimentar essa reflexão e para orientar a Igreja em seu incessante caminho rumo à unidade e a um testemunho mais fiel à luz de Cristo.

Na Seção Temática Livre, publicamos “Por uma educação humanística sob as didáticas da proximidade, persistência e inquietude”, de **Josineide Oliveira Silveira, Umberto Medeiros Araújo e João Batista Nunes Filho**; “As contribuições da contabilidade para a ecologia integral”, de **Antônio Dias Pereira Filho**; “Os demônios são as mulheres: a representação do mal a partir do gênero na série Lucifer”, de **Thaïs de Matos Barbosa e Glezia Alves de Melo**; “Formar para transformar. Ecologia integral e franciscanos seculares”, de **Nilton Rodrigues Junior**; “A peregrinação à luz dos Salmos 120-134: o caso do Morro da Conceição”, de **Rita Maria Gomes e Edmara Ferreira de Lima**; “Entre a súplica e o decreto: perspectivas pentecostais e neopentecostais sobre a oração na contemporaneidade”, de **Edjaelson Pedro Silva e Mary Katherine Araujo de Souza**; “Educação aos direitos humanos, espaço de encontro e terreno de emancipação. Contribuições à promoção e atuação da laicidade na educação”, de **Evanilson Alves de Sá e Carlos André Silva de Moura**.

Boa leitura a todos e todas.